

### Vida enquanto absoluto incondicionado: sobre a materialidade da essência da manifestação na fenomenologia de Michel Henry

Sales Souto, Symon

Veröffentlichungsversion / Published Version

Zeitschriftenartikel / journal article

#### Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Sales Souto, S. (2019). Vida enquanto absoluto incondicionado: sobre a materialidade da essência da manifestação na fenomenologia de Michel Henry. *Griot: Revista de Filosofia*, 19(3), 105-114. <https://doi.org/10.31977/grifi.v19i3.1241>

#### Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer CC BY Lizenz (Namensnennung) zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den CC-Lizenzen finden Sie hier: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.de>


#### Terms of use:

This document is made available under a CC BY Licence (Attribution). For more information see: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>

## VIDA ENQUANTO ABSOLUTO INCONDICIONADO: SOBRE A MATERIALIDADE DA ESSÊNCIA DA MANIFESTAÇÃO NA FENOMENOLOGIA DE MICHEL HENRY

Symon Sales Souto<sup>1</sup>

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

 <https://orcid.org/0000-0002-6843-2737>

E-mail: symonsalesouto@gmail.com

### RESUMO:

A Fenomenologia Material de Michel Henry nos desvela o imenso domínio da vida que nos supõe outro conceito de absoluto, a saber, essa vida originária em cada *cogitatio* enquanto auto-afecção, onde nem a vida e tampouco o desvelado por ela são meros conceitos abstratos, mas uma realidade *carnalmente passível*. Este saber da vida se abre contra-redutivamente, de modo que, na passibilidade radical da vida, a partir de um sentimento que sempre ocorre na *ipseidade* de sua carne patética, Verbo e carne permanecem desde sempre unidos enquanto começo absoluto independente de representações. Nesta medida, ir à ‘coisa mesma’ desta fenomenologia não intencional implica em descobrir o ser na transparência de sua vinda a si, absolutamente autônoma, cujo processo de fenomenalidade dispensa uma distância. Assim, Henry insiste no *pathos* que *ego sum* sem nos obrigar a passar por uma representação, graças ao primado do aparecer em sua própria aparição, no entanto, nos permanece como questão latente entender em que consiste essa vida enquanto absoluto incondicionado. Como é possível falarmos desta vida que leva a cabo a experiência de si, identificando com tal movimento? Para tanto, este trabalho tem como base central *L’Essence de la Manifestation* de Michel Henry que, ao nosso ver, defende como tese o devir fenomênico do ser como pura afecção de si num corpo próprio e, nesta medida, apresentar-se-ia como um bom fundamento por converter da transcendência para uma imanência pura o desvelar do próprio ser.

**PALAVRAS-CHAVE:** Vida; Absoluto; Essência da Manifestação; Fenomenologia Material.

## LIFE AS ABSOLUTE UNCONDITIONED: ABOUT THE MATERIALITY’S ESSENCE OF MANIFESTATION IN THE MICHEL HENRY’S PHENOMENOLOGY

### ABSTRACT:

The Material Phenomenology of Michel Henry reveals the immense life domain that supposes another concept of absolute, namely, this originating life in each *cogitatio* as auto affection, where nor the life and neither the revealed about her are mere abstract concepts, but a *carnally susceptible* reality. This life knowledge opens counter-reductively, so that the radical life passibility from a feeling that always occurs in the *ipseity* of its pathetic flesh, Verb and flesh had always been together as absolute beginning independent of the representations. In this measure, to go to the ‘same thing’ of this non-intentional phenomenology implies in discovering the being in the transparency of its itself coming, absolutely independent, whose phenomenally process dispenses a distance. Thus, Henry insists on the *pathos* that *ego sum* without forcing us to pass by a representation, thanks to the primacy of appearing on its own apparition, however, remains as latent question to understand in what consists this life as unconditioned absolute. How is it possible to talk about this life that carries out the experience of itself, identifying with such movement? Therefore, this work has as central base *L’essence de la Manifestation* by Michel Henry that, in our view, defends as thesis phenomenal becoming of the being which a pure affection of himself in his own body, and in this measure, would be presented as a good foundation per converting from transcendence to a pure immanence the unveiling of the own self.

**KEYWORDS:** Life; Absolute; Manifestation’s Essence; Material Phenomenology.

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria – RS, Brasil.

## A vida enquanto absoluto incondicionado: solo originário da manifestação.

A Fenomenologia Material de Michel Henry procura se distanciar de “sinalar condições de possibilidades lógicas ou subjetivas e caminha em direção ao ser mesmo como última condição” (GARCÍA-BARÓ, p.05 in HENRY, 2003); no entanto, como é possível falarmos desta experiência de si do ser? É notório observar que Michel Henry opta por diversas maneiras para comprovar sua tese, desde o cogito de Descartes, passando pelo inconsciente de Freud, as ressonâncias de Kandinsky, o contínuo resistente de Maine de Biran, o cristianismo de Kierkegaard, além de mostrar-nos a dificuldade da fenomenologia em oferecer uma resposta ao *como* do aparecer da fenomenalidade pura enquanto tal, dentre outros. Para nós, nos importa como objeto de pesquisa compreender o movimento imanente do puro ato de aparecer do ser como subjetividade que, ao nosso ver, caracteriza-se como espinha dorsal de sua Fenomenologia Material.

O devir fenomênico do ser que de que nos fala Henry não é mera descrição, mas pura afecção de si num corpo próprio e, nesta medida, apresentar-se-ia como um bom fundamento por converter da transcendência para uma imanência pura o desvelar do próprio ser. Comentando a respeito, Furtado nos indica que a essência dos fenômenos na Fenomenologia Material “não se opõe à fenomenalidade que ela torna possível, não está além ou aquém da manifestação que é sua obra. Ela se manifesta em outro lugar, de uma outra forma, de forma imanente, através da afetividade da vida” (2008, p. 237). Sobre a afetividade desta essência, sentimo-la em nossa carne<sup>2</sup> e seu processo de fenomenalização:

Não é uma auto-posição, uma auto-objetivação, ela não se põe diante de si para afetar-se de si mesma, no sentido de uma manifestação de si que seria a manifestação do objeto. Com efeito, é isso que a vida não pode ser. A vida se afeta, é para si, sem se propor a si mesma na objetivação da *ek-stasis*, ela se sente sem que isso seja pela intermediação do sentido, de um sentido interno nem de um sentido qualquer em geral (HENRY, 2011, p.207).

Ao que vemos, o *ego* transcendental enquanto solo apodítico seguro alcançado pela abstração eidética na fenomenologia intencional de Edmund Husserl adquire, com Michel Henry, uma radicalidade essencial, isto é, uma referência de maior verdade, sem que para isso lhe fosse preciso que o ser se distanciasse de si mesmo. Nessa medida, o devir fenomênico do ser na fenomenologia material desvela-se em uma interioridade abissal. Em outras palavras, Rosa comenta que:

Na auto-revelação da vida absoluta, como doação passiva para si mesma, que também cada *Soi-même* é dado e vem a ser, não apenas como eu transcendental, mas como vivente, singular, concreto, nas suas moções mais secretas e humildes e em todos os seus poderes. Não é, portanto, a vida irreal, noemática, essência abstrata, mas a vida concreta dos viventes (o Pedro, a Ivete) [...]. As modalidades subjetivas mais imediatas para nós desta passividade são o sentir-se a sentir, o ver-se a ver (*videre videor*) o padecer-se (*de pathos*), ser para si mesmo uma doação originária (2006, p.12).

Aceito esse pressuposto, toda e qualquer experiência no tocante às subjetividades dever-se-ia ser repensada, afinal, “o ser não precisa negar-se em sua universalidade para se dar o

<sup>2</sup> A carne, lida também enquanto *ipseidade* de um si vivente se “constitui desde dentro como esta experiência que é o que ela é não na identidade exterior da coisa da que afirmamos que é a mesma, mas que é o que ela é em qualidade desta experiência ajustada ponto a ponto a si, sentindo-se e experimentando-se desta forma. Em outros termos: a essência da subjetividade absoluta em quanto puro fato de experimentar-se a si mesma imediatamente é de maneira idêntica a essência da ipseidade” (HENRY, 2009, p.213).

momento de sua particularidade. Muito pelo contrário, o particular, se quisermos utilizar esta linguagem, é a essência do ser, sua possibilidade mais íntima, e o desdobramento de sua positividade” (HENRY, 2011, p. 208). Deste modo, com a Fenomenologia Material, vida e vivente tornam-se polos indissociáveis para compreendermos o devir efetivo da fenomenalidade “no já de sua condição primitiva, que é, como tal, como este ‘já’ da manifestação pura efetiva que faz possível todo o comportamento e todo passo anterior, o absoluto. O ser se manifesta ‘já’ de entrada, com anterioridade, a todo trabalho de elucidação” (HENRY, 2003, p.p 141-142); entretanto, como falar desse aparecer da vida, cujo aparecimento se faz possível toda a carne?

Para Henry, o sujeito matematizado, calculado, dissimulado da cientificidade operante desde a era moderna não era compatível com o sujeito da vida *abalado em seu ser mesmo* que, a partir da Fenomenologia não-intencional, torna-se passível de ser pensado “substituindo o aparecer do mundo no que se nos mostram os corpos pelo aparecer da Vida, a que pela afetividade transcendental é possível toda a carne” (HENRY, 2000, p.35). No tratamento da questão, nosso autor considera que autodoação caracteriza o advir de si do ser. Nesta medida, o que se sente a si mesmo de modo imanente apresenta-se como pura afecção de si, cujo devir fenomênico independe da odisseia de seu desvelamento, pois ocorre no seio mesmo da essência. Discorrendo a questão, Dufour-Kowalska (1980, p. 38, grifos do autor) pontua que “o processo de determinação positiva do autêntico fundamento da fenomenalidade, será chamado por Henry de ‘essência originária da revelação’”. Essa essência originária da revelação é a fenomenalização da fenomenalidade pura em seu devir fenomênico autônomo, ou seja, a vida enquanto absoluto incondicionado no experimentar-se de si mesma como uma *ipseidade* capaz de sentir-se a si mesma sem distância alguma. Nesta medida, quando se fala do ser do *ego*, conforme nos indicou Furtado, compreendemos que “é, pois, na atualidade da vida, no presente vivo que devemos encontrá-lo [...] atualidade que não pode ser senão presença imanente a si, anterior a toda projeção da vivência no horizonte retencional aberto temporalmente da consciência” (2008, p.238). A vista do que dissemos, nos permanece como questão, todavia, compreender em que medida o Filósofo de Montpellier compreende esse aparecer como uma estrutura subjetiva. No tratamento da questão diz Henry que:

Todo o *ego*, mas também todo o eu (*moi*) de todo indivíduo no sentido humano, transporta consigo um Si transcendental cuja ipseidade nasce no processo de auto-fenomenalização da vida e em nenhum outro lugar. Com efeito, é tão só o experimentar-se a si mesmo da sua fenomenalidade própria que a vida gera em si a ipseidade de um Primeiro Vivo e, assim, de todo o Si concebível. Por conseguinte, o *ego* nunca é primeiro, ele nasce, nasceu na vida e só nela é inteligível (HENRY, 2008, p.16).

A vida é porque aparece e seu aparecer de si é sentido em nossa *ipseidade*. Sobre seu devir, ela sofre de seu próprio fruir, cujo movimento é sua própria receptividade<sup>3</sup> e, por esta razão, o eu não pode separar-se de si. No entanto, para que esta a autodoação seja passível de ser pensada, o devir efetivo de sua manifestação deve se dar na obra pura de sua essência mesma, de modo a “ser a própria ação, porquanto ela se sofre originalmente, na sua passividade ontológica em relação a si” (HENRY, 2003, p.595). Mas, o que significa a manifestação ser autônoma e, nesse sentido, não dever a sua fenomenalidade à transcendência de um puro ato de ver?

---

<sup>3</sup> Não se trata da receptividade tal como formula Heidegger, tema que a presente pesquisa não contempla. A receptividade da vida é o meio ontológico a partir do qual a vida poder-se-á afetar e sentir a si mesma, chamado por Henry de passibilidade original. A respeito da leitura de Michel Henry a Heidegger, Cf. Lipsitz, M. “Sur Kant et le problème de la métaphysique dans L’essence de la Manifestation”, em Brohm, Jean-Marie; Leclercq, Jean (dir.), *Michel Henry*, Lausanne, Editions L’Age d’Homme Editions, “Les Dossiers”, 2009, pp.281-290; Lipsitz, M., “Author de la difference ontologique: l’etant et le monde en L’essence de la Manifestation” en Jean, Grégori; Leclercq, Jean; Monseau, Nicolas (ed.), *La vie et les vivants, (Re-)lire Michel Henry*, Louvain la Nueva, Presses Universitaires de Louvain, 2013, pp. 147-156.

Segundo Henry, a vida<sup>4</sup> recebe o próprio conteúdo sem nenhuma mediação e, por esta razão, diz o filósofo que autoafecção<sup>5</sup> caracteriza-se o modo pelo qual a essência da manifestação se manifesta, ou seja, o ser se manifesta de entrada a todo trabalho de elucidação enquanto absoluta presença de si, sentida na carne viva de um sujeito patético; uma imanência radical na autodoação de si. Comentando a respeito de sua estrutura interna, Rodríguez nos indica que:

A estrutura interna da imanência é descrita na *Essência da Manifestação* como passividade. Na passividade, o ser do *Sou*, está ligado ao estado de ânimo do sujeito. Baixo a afecção do estado de ânimo se tem a notícia do ser que se revela de primeira mão através da condição afetiva do *Sou*. Henry denomina a relação entre a passividade e a afecção que se desatam no *Sou* “passividade ontológica original”. A realização desta passividade não se dá no plano da projeção ideal, mas na mesma imanência, na qual se mostra a condição subjetiva do *sou* com respeito a sua afecção (2012, p.124, grifos do autor).

Não somos porque pensamos sobre a vida, mas simplesmente porque ela se manifesta em nós, cuja manifestação não supõe nenhuma separação de si. Seu dar-se é imanente e, por conseguinte, absoluto. Deste modo, a vida de que falamos apresentar-se-ia como solo originário da manifestação por ser:

Fenomenológica num sentido original e fundador. Não é fenomenológica no sentido em que também ela se mostraria, [em que seria mais] um fenómeno entre outros. É fenomenológica no sentido em que é criadora da fenomenalidade. A fenomenalidade surge originalmente ao mesmo tempo que a vida, sob a forma de vida e de nenhuma outra maneira. A fenomenalidade acha a sua essência original na vida porque a vida experiencia-se a si mesma [s'éprouve soi-même], de tal maneira que este experienciar-se é o auto aparecer do aparecer (HENRY, 2006, p.13, grifos do autor).

Este processo não é teórico mas real, ou seja, consiste no sentir originário da subjetividade, isto é, de um sujeito real mergulhado na vida que poder [amar], poder [sentir], poder [cogitar], poder [duvidar], poder [mover], poder [poder]. A prova do que lhe é exterior é possível porque cada subjetividade sente-se a si mesma na vida e permanece sentindo-se ancorada à prova que tem de si mesma. Dito de outro modo, o ser impressiona-se afetivamente em sua imanência absoluta assumindo em cada instante, em cada canto de uma *ipseidade*, a responsabilidade de sua autodoação. Neste ponto, indica Michel Henry que o puro ato de ver da *cogitatio* não seria capaz de desvelar a manifestação do ato de aparecer considerado enquanto tal, realizado pelo próprio ato de aparecer enquanto fundamento de sua própria manifestação.

Assim, a fenomenalidade do ser, em seu constante processo de fenomenalização versa um conhecimento do absoluto, pois o ser aparece como aparecendo de modo irreduzível a si, em sua permanência inquebrantável de si a si mesmo, logo, não é mera contingência, mas obra sua mesma e, por esta razão, dirá nosso autor que não há possibilidade de se “separar a essência compreendida em sua pureza e o devir fenomênico que ela realiza” (HENRY, 2003, p.139). A guisa destas considerações, a vida de que falamos:

É tão só aquilo que experiencia em si mesma sem diferir-se de si, de modo que esta experiência é uma prova de si e não de outra coisa, uma auto-revelação em sentido radical [...]. É nesta Afectividade e como Afectividade que se cumpre a auto-revelação

<sup>4</sup> A Vida de que falamos “não é uma simples negação, privativa ou estática, ao contrário, é uma nadificação ou aniquilação de todos os entes que, ao mesmo tempo, é a essência deles [...] esse acontecimento impessoal [...] não é nada presente senão apenas a presença. É a identidade do ser e do nada nadificante” (GARCÍA-BARÓ in HENRY, 2003, p. 09).

<sup>5</sup> Porque o seu dom é a *autodoação* na qual todo o poder se recebe a si mesmo e é por isso investido de si, que o ‘eu posso’ acaba por esquecer este dom mais original da vida (HENRY, 2000, p. 205).

da vida. A afetividade originária é a matéria fenomenológica da auto-revelação que constitui a essência da vida. Ela faz desta matéria uma matéria impressional que jamais é uma matéria inerte, a identidade morta de uma coisa. É uma matéria impressional experienciando-se a si mesma impressionalmente e não deixando de o fazer, uma auto-impressionalidade viva (HENRY, 2000, p. 74).

A vida apresenta-se, portanto, na Fenomenologia Material como solo originário da manifestação por se tratar de uma auto doação que independe de intuições, correlações, atos, valores; isto é, ela é uma autoafecção radical que nos permite sentir, ancorados à prova que temos de nós mesmos nela como este *ser humano* enquanto “consciência que quer isso ou aquilo, que tende a algo desta ou daquela maneira, que age deste ou daquele modo, e assim por diante” (FABRI, 2012, p.36). Deste modo, o ser ainda que seja sempre o ser de um ente, o si vivente, uma *ipseidade*, diz respeito ao:

Absoluto em repetição principal da vida auto-afetando-se para sempre na sua intensidade sempre nova ou diferenciada, é o sentimento da vida enquanto nosso ‘ser sentido’ por excelência: saber plenamente que estamos mergulhados de maneira única na vida, o que significa *viver* enquanto *indivíduo* sem fuga ou subterfúgio possíveis (KÜHN, 2010, p.56, grifos do autor).

Aceito este pressuposto, conforme nos lembra Kühn, nos é “impossível colocar entre parênteses a vida como Fundo desta última, já que toda a aparência — seja ela, objeto, ideia, valor, sentimento ou situação — implica a vida enquanto tal” (2010, pp.35-36); contudo, é preciso observar que a autodoação da vida enquanto um *soi-même*, conforme estabelece Michel Henry, “pressupõe sempre, como sua condição, o devir afetivo da manifestação na obra pura da essência, isto é, a *selbständigkeit*<sup>6</sup> desta” (HENRY, 2011, p. 138).

### Devir fenomênico autônomo na essência da manifestação

A questão trabalhada no tópico nos indica que a manifestação imediata do ser significa a presença imediata da Presença enquanto tal, o ser presente a si mesmo. Vimos também que a manifestação do ser não depende do trabalho metodológico da fenomenologia, ao contrário, o precede e o torna possível,<sup>7</sup> mas como é possível falar de uma radicalidade no conceito de imanência? Em primeiro lugar, entendemos que *o ser deve poder mostrar-se*. No entanto, a partir do método intencional, seu devir fenomênico se realiza mediante o trabalho metodológico de um *ego* transcendental, e não em e por si mesmo. Imanência, conforme insiste Henry, implica que “o devir fenomênico deve se realizar na essência e por ela” (2003, p.138) e não sob o ser visto por uma vista pura de uma *cogitatio* real. Seu aparecer encontra sua realização no seio mesmo da essência, sem vislumbre de transcendente algum e, por compreender si mesma na afecção de si, ela é *autônoma*.

Nas primeiras páginas da seção dois de *L’essence de la Manifestation*, Henry dedica suas considerações fenomenológicas sobre *o caráter originário da manifestação do ser e o problema da consciência natural* (§17), onde nos afirma que a manifestação do *ente* pressupõe o devir efetivo da manifestação na obra pura da essência, isto é, “a *selbständigkeit* desta” (HENRY, 2003, p. 138). Essa imanência do devir fenomênico da essência do ser é, aos cuidados de nosso autor, o que funda o direito de chamá-la essência; logo, dever-se-ia ser considerada em qualquer pretensão fenomenológica, pois a fenomenologia não se preocupa com os objetos no como de sua

<sup>6</sup> Traduzido por Michel Henry como ‘autonomia’ (Cf. HENRY, 2003, p. 171).

<sup>7</sup> Conforme Henry “[...] O conhecimento ontológico, não obstante, é a condição de possibilidade do conhecimento ótico” (2003, p.138).

aparição, mas com as condições de possibilidades da própria aparição.<sup>8</sup> É válido ressaltar que Henry não é contrário à ideia de que o ser seja sempre o ser de um ente. Entretanto, é preciso admitir que a finitude do ente não pode dissimular a essência, pois é “na medida em que o aparecer aparece que todo o ente em geral é suscetível de ser” (HENRY, 2008, p. 03). Assim, o devir fenomênico do ser como ente é anterior a sua representação, pois autoafecção de si implica em um ato de aparecer. Que esse ato de aparecer seja realizado pela própria essência da manifestação, isto é, “enquanto que o devir fenomênico está incluído na essência da fenomenalidade, esta encontra em si mesma sua possibilidade” (HENRY, 2003, p.139).

Henry pensa o fundamento do ser mediante sua realidade ontológica própria e observa que ele não reside na realidade humana mesmo, mas sim a partir de sua autoafecção de si. Ademais, observamos entre as páginas de *L'essence de la Manifestation* que a representação intencional diz respeito a uma manifestação desvelada, o ser-para-si, isto é, uma compreensão existencial de si da existência a partir de um ato determinado de captação e representação, de modo que representando o ente, representar-se-ia o ser (Cf. HENRY, 2003, §19). Porém, o que está em questão, diz Henry (2003, p. 55), “é a possibilidade de um conhecimento absoluto”, ou seja, o absoluto na absolutez de si, sem transcendente algum *no ‘já’ se sua condição primitiva* (HENRY, 2003, p. 142).

O *dever poder* manifestar-se da essência, nos mostra Henry (2003, p.141), possui um caráter ambíguo. Por um lado, quando a possibilidade que tem o ser de mostrar-se é dependente do trabalho metodológico da fenomenologia, o desvelado por ela não diz respeito ao ato de aparecer da fenomenalidade pura enquanto tal,<sup>9</sup> isto é, não a faz vir à luz efetivamente tal como é, em e por si mesma. Por outro lado, nos mostra a Fenomenologia Material que “a manifestação do ser não resulta de qualquer progresso, não depende de qualquer processo, ela não está relacionada com o devir de qualquer saber [...] porque ela é a realidade originária, ela não se fenomenaliza jamais no campo da irrealidade constitutiva de toda transcendência” (DUFOUR-KOWALSKA 1980, p. 39). Nas palavras de Michel Henry, “a relação está presente porque o ser se manifesta”. Somente sob o fundo dessa manifestação, acrescenta nosso autor, “o ente é o que é” (HENRY, 2003, p.142).

A tradição fenomenológica trata essa possibilidade do mostrar-se fenomênico da fenomenalidade a partir de um poder elucidativo de uma consciência intencional; entretanto, a verdade originária não pode ser objeto de um visar intencional, considerando que ela não é aquém ou além da consciência, jamais exterior. Ela é a manifestação do absoluto em sua absolutez, isto é, a manifestação imediata da Presença, “é a Presença na Sua Presença, o Ser presente enquanto tal, no sentido de que está presente a si mesmo. Sua manifestação é imediata e, jamais, mediata” (HENRY, 2003, p. 143). Temos insistido que a manifestação do ser não exclui que ele seja sempre o ser de um ente, porém, o ganho da *Fenomenologia Material* consiste em denunciar que para a efetividade de sua manifestação, ele deve pressupor sempre, como sua condição, “o devir efetivo da manifestação na obra pura da essência, a *selbständigkeit* desta” (HENRY, 2003, p.138). Eis, pois, o que possibilita separarmos eideticamente a essência compreendida em sua pureza e o devir que ela realiza.

Somos auto engendramento na e pela vida; imanências absolutas. É nesse sentido que o *ego* sente-se a si mesmo como uma verdade apodítica, pois sente-se de imediato na presença deste absoluto que é a vida, confundindo-se com ela. Este saber absoluto é o modo pelo qual essa

---

<sup>8</sup> “[...] Trata-se, portanto, de um modo de acesso às coisas enquanto modo imediato. O que é, então, que nos dá acesso às coisas? O seu aparecer” (HENRY, 2008, p. 03).

<sup>9</sup> “A determinação do ente pelo ser expressa a dependência do que aparece com respeito ao ato de aparecer considerado em e por si” (HENRY, 2003, p.142).

consciência, essa carne, esse corpo vivo se compreende a si mesma, não mais a partir do mundo, mas a partir de uma compreensão ontológica radicalmente independente de toda compreensão existencial, tendo em vista que “a essência da manifestação encontra nela mesma sua realidade enquanto que a realidade efetiva da manifestação que se produz nela, encontra também nela, seu próprio fundamento” (HENRY, 2003, pp.139-140).<sup>10</sup>

O *ego* transcendental não pode afastar-se de si nessa relação consigo mesmo, pois sua *essência é a parusia do absoluto*, um sofrer de si e gozar desta autoafecção primordial que, conforme vimos, encontra na subjetividade sua realização. A doação imanente do ser em sua *selbständigkeit* deve, por essência, ser autodoação original da própria doação, o experimentar-se a si mesmo. É válido inferirmos, por conseguinte, que o dever poder mostrar-se do ser não se constitui “no final de um processo ou de uma história, mas originalmente. A manifestação originária do ser é o único que faz possível a manifestação do ente, e o faz porque constitui a essência mesma desta” (HENRY, 2003, p.144).<sup>11</sup> Nesta medida, “a finitude do ente em sua condição objetiva não pode, portanto, dissimular a essência. Completamente oposto a isso, essa finitude do ente pressupõe como sua condição, a manifestação efetiva da essência em sua pureza” (HENRY, 2003, p.138). Assim, entendemos com Michel Henry que *Selbst*:

Não significa, por conseguinte, simplesmente, como no texto husserliano, que a coisa dada se dá em si mesma, se mostra em si mesma, na desnudez de sua realidade própria: tal como aparece e, assim, tal como é [...] *Selbst* e assim mesmo *Selbstgegebenheit* quando se trata da *cogitatio*, tem uma significação completamente diferente. Em primeiro lugar, o Si está vinculado a doação de uma maneira essencial de tal forma que nesta doação de si (autodoação) não há nada outro que considerar salvo a doação mesma. Em segundo lugar, a doação mesma mudou-se: já não consiste na exterioridade transcendental de um mundo, mas em uma interioridade tão radical na qual ela resulta proscria toda exterioridade concebível. Esta interioridade da autodoação enquanto tal é justamente a imanência da *cogitatio* (HENRY, 2009, p. 110-111, grifos do autor).

Ao que entendemos, o devir fenomênico do ser nada depende do ser visto pela vista pura de **uma** *cogitatio* real, pois percebe-se em si mesmo enquanto *parusia* do absoluto, isto é, a vida sofre de sua própria afecção e no padecer de si, no excesso de si, desvela-se fenômeno. Assim, em cada ‘hetero-afecção’ há uma auto afecção de si correspondente dessa abertura ontológica originária da fenomenalidade em seu devir fenomênico autônomo. Eis o absoluto ainda mais originário que, no excesso de si, goza de sua própria doação. Na Fenomenologia Material, portanto:

A determinação ontológica da realidade do sentimento como coextensiva e coexistencial a sua revelação e como idêntica a seu conteúdo, funda o caráter absoluto desta realidade, a designa e a constitui como o que, mostrando-se na aparência [l'apparence] que dá dela mesma e esgotando-se nesta aparência [apparence], coincidindo com ela e encontrando nela, a realidade de seu aparecer [apparaître] e do que ele deixa aparecer e em sua substância, sua própria realidade, sua própria substância, se põe e se afirma na positividade de seu ser fenomenológico irrecusável e desnudo, e não se deixa discutir (HENRY, 2003, p. 694).

<sup>10</sup> Para o conceito de representação; estrutura ontológica e compreensão existencial (Cf. Henry, 2003, §18, pp. 147-155).

<sup>11</sup> De igual modo observa-se a seguinte passagem: “A *selbständigkeit* significa que o devir fenomênico é imanente à essência originária e pura da fenomenalidade [...]. A imanência do devir fenomênico à essência originária e pura da fenomenalidade tem um fundamento. Esse fundamento é a essência mesma [...]. A essência da fenomenalidade encontra nela sua realidade enquanto que nela é onde a fenomenalidade se produz. Esta é a significação positiva da *Selbständigkeit*. Que a fenomenalidade efetiva se produza na essência não é possível, senão por esta [...]. Neste sentido último é que a essência é autônoma” (HENRY, 2003, p. 139).



Considerando a estrutura interna da essência, entendemos que Michel Henry concebe a *ipseidade* como um constante sentimento de si da essência, entregue a si para ser o que é mediante o modo em que o ser se dá a si, o que vale dizer, o absoluto desdobra-se em seu constante esforço imanente e apropria-se de si no seu constante agir como uma imanência absoluta. É nesta medida que somos um sujeito real;<sup>12</sup> vivo, *em-carnado*. Na guisa destas considerações, Dufour-Kowalska comenta que a *archi-estrutura* do sentimento tem uma dupla determinação. De um lado, o si se determina como afetividade, isto é, ele é o seu próprio fundamento, mas, por outro lado, a afetividade é simultaneamente um ato do si e, nesse sentido, permite conclusões como por exemplo, “o si é a substância da experiência constitutiva da afetividade; ou melhor, a afetividade em tanto que Si, o si em tanto que afetividade, formam uma substância vivente” (1980, p.55).<sup>13</sup>

A partir do que dissemos, somos capazes de compreender em que medida a “consciência não pode esquecer o ser que constitui sua essência mesma” (HENRY, 2003, p.145), pois pensar a si mesmo de modo imediato e, por sua vez, absoluto, implica nessa perfeita e completa ‘aderência’ entre fenomenalidade e seu fenômeno no seio mesmo da afetividade. Destarte:

Identidade entre ao afetante e o afetado que reside e se realiza, isto é, encontra sua possibilidade não teórica, mas real na efetividade de sua efetuação fenomenológica, na afetividade. A afetividade opõe assim a quaisquer outras, na suficiência absoluta de sua interioridade radical. A afetividade é a essência da ipseidade, todo sentimento em quanto tal, como sentimento de si, um sentimento do Si-mesmo que deixa ver, revela, constitui o ser deste (HENRY, 2003, p.581).<sup>14</sup>

Entendemos que só há relação entre consciência e objeto porque o ser mesmo já está presente. Assim, a auto evidência da *cogitatio* é, na Fenomenologia Material, a manifestação do absoluto em sua absolutez que, por essência, tem o hábito de sentir-se a si mesma. Contudo, essa presença, diz Henry, só é possível graças à manifestação de si do ser em sua estrutura ontológica universal e, por esta razão, a consciência intencional só é capaz de falar daquilo que aparece como aparecendo, inclusive a si mesma. O ato originário pelo qual esse movimento tem lugar precede a todo ato de captação, pois, conforme apontamos, encontra sua realização na *selbständigkeit* da essência.

Assim, a compreensão existencial de si se caracteriza como um modo particular da vida na consciência, uma compreensão da existência por ela mesma. É sempre um conteúdo visado, *noésis e noema*, uma compreensão explícita do objeto. Já a compreensão ontológica do ser, diz Henry, independe de como ela se representa; no entanto, a separação da compreensão existencial da compreensão ontológica é irreal, pois a unidade da essência com a existência constitui a ‘coisa mesma’ de uma subjetividade.<sup>15</sup> Nas palavras de Michel Henry:

Que o ser deva poder manifestar-se não significa que a manifestação de si do ser possa ou deva aderir-se à essência do ser no transcurso ou ao término de um processo que permita a esta essência realizar-se; significa que a essência do ser é a manifestação de si. *A manifestação de si é a essência da manifestação* [...]. É originária, o que quer dizer que não

<sup>12</sup> O termo real está sendo referido ao mundo real em detrimento ao mundo constituído dentro da esfera de pertença do *ego* transcendental tal como compreende Edmund Husserl.

<sup>13</sup> Observa-se de igual modo a seguinte passagem: “o pensamento da afetividade, o pensamento de sentir-se a si mesmo, não designa uma operação possível, mas uma operação real” (Dufour-kowalska, 2006, p.27).

<sup>14</sup> Observa-se de igual modo a seguinte passagem: “A afetividade é a essência da auto afecção, sua possibilidade não teórica nem especulativa senão concreta, a imanência mesma captada já não na idealidade de sua estrutura, mas em sua efetuação fenomenológica indubitável e certa (HENRY, 2003, pp. 577-578).

<sup>15</sup> A separação da essência e a existência na representação é uma separação irreal. Sem embargo, esta separação não é irreal porque se falseia, mas porque se produz dentro da representação, ou seja, como uma significação a que aponta a consciência em um modo determinado de sua vida” (HENRY, 2003, p.157).

é obra do saber filosófico, mas da essência mesma. A manifestação de si da essência não é obra do saber filosófico. Este a pressupõe constantemente como a condição mesma de seu cumprimento (2003, p.146, grifos do autor).<sup>16</sup>

A vista do que fora dito, entendemos que a representação do ser pela consciência filosófica, todavia alicerçada no monismo ontológico, esqueceu-se de que é graças a sua estrutura ontológica universal que permite a que cada consciência “tenha uma compreensão existencial implícita de si mesma” (HENRY, 2003, p.153). A representação como um modo determinado de vida da consciência, representando o *ente*, representava o *ser*; no entanto, tratar-se-ia sempre de uma manifestação desvelada, intencional, particular. Destarte, “a consciência pode existir sem que o saber verdadeiro se produza nela” (HENRY, 2003, p. 151), mas de modo algum seu contrário, ou seja, o saber filosófico não pode produzir-se sem que a manifestação de si do ser tenha realizado sua obra no ‘já’ de sua manifestação de si.

Em suma, radicalizando a doação da própria *cogitatio*, Michel Henry defende sua tese de que a doação do absoluto em sua absolutez de si é anterior à tomada de consciência do ato de aparecer em virtude do qual ele aparece. O saber de si, diz nosso autor, se opõe ao ser para si que nos é revelado dentro de um ato determinado de captação e compreensão (Cf. HENRY, 2003, §19). Saber de si, ou seja, sentir-se a si mesmo enquanto absoluta presença de si é “autodoação na qual todo o poder se recebe a si mesmo e é por isso investido de si” (HENRY, 2000, p. 205). Nesta medida, compreende-se que a *Fenomenologia Material* dita uma *Fenomenologia da Vida*, pois “viver, significa ser” (HENRY, 2011, p. 199). Somos no instante em que a vida nos afeta e nos faz viventes em sua auto afecção de si e, por isso, “a filosofia chega sempre, demasiado, tarde, [no que diz respeito à fenomenalidade do fenômeno], pois o que ela disse era no princípio” (HENRY, 2003, p.170, grifos nosso). Por fim, somos capazes de inferir, conforme o que já dissemos, que todo o vivente “existe por si mesmo sem nenhum contexto, sem o suporte de nenhum ser exterior” (HENRY, 2003, p.57). Ele é auto afecção de si na e pela vida.

---

<sup>16</sup> “De onde decorrem uma dupla conclusão: ‘a fenomenalidade é o ser verdadeiro do ente’ [bem como] uma definição de fenomenologia: ‘a fenomenologia é a tentativa de auto fundação do saber humano pelo retorno a auto fundação do ente’ (HENRY, 2006, p.07, grifo nosso).

## Referências

- DUFOUR-KOWALSKA, G. *Michel Henry un Philosophe de la vie et de la praxis*. Paris: Vrin, 1980.
- FURTADO, Luiz José. *A filosofia de Michel Henry: uma crítica fenomenológica da fenomenologia*. Dissertatio, p. 231-249, inverno/verão de 2008. Disponível em: <http://ufpel.edu.br/isp/dissertatio/revistas/27-28/17-18-10.pdf>.
- GARCÍA-BARÓ, M. *Alabanza de Michel Henry* in HENRY, M. LA ESENCIA DE LA MANIFESTACIÓN, 2003, pp. 05 -12. Disponível em; <http://www.sigume.es/docs/libros/la-esencia-de-la-manifestacion.pdf>.
- HENRY, M. *Encarnação: uma filosofia da carne*. Trad. Florinda Martins. Portugal: Círculo de Leitores, 2000.
- HENRY, M. *L'essence de la manifestation*. Paris: Épipiméthée, PUF, 2003.
- HENRY, M. Phénoménologie non intentionnelle: Une tâche por une phénoménologie à venir. *Phainomenon* (Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa), Vol. 13, p. 165-177, 2006. Disponível em: [www.lusosofia.net](http://www.lusosofia.net).
- HENRY, M. *O começo cartesiano e a ideia de fenomenologia*. Trad. Adelino Cardoso. Covilhã: LusoSofia: Press, 2008. Disponível em: [www.lusosofia.net](http://www.lusosofia.net).
- HENRY, M. *Fenomenología material*. Trad. Javier Teixeira y Roberto Ranz. Madrid: Ediciones Encuentro, 2009.
- HENRY, M. *O que é isso que chamamos vida?* In: MARQUES, R.V.; MANZI FILHO, R. (Org.). *Paisagens da Fenomenologia Francesa*. Trad. Rodrigo Vieira Marques. Conferência pronunciada na Universidade de Québec em Trois-Rivières, em primeiro de novembro de 1977. Curitiba: UFPR, 2011.
- KÜHN, R. *Ipseidade e praxis subjectiva - Abordagens fenomenológicas e antropológicas segundo o pensamento de Michel Henry*. Lisboa: Edições Colibre, 2010.
- RODRÍGUEZ, Juan Sebastián Ballén. El lenguaje fenomenológico de La afectividade en Michel Henry: la reconstrucción de una gramática de la subjetividad “a flor de piel”. *Acta fenomenológica latinoamericana*, v.4, n.02, p.115-147, 2012.
- ROSA, José M. da Silva. *Da essência trinitária da ‘fenomenologia da vida’*. In: MARTINS, F., CARDOSO, A. (Org.). *A Felicidade na fenomenologia da vida: colóquio internacional de Michel Henry*. Portugal: Centro de Filosofia das Universidade de Lisboa, 2006, p.177-193.
- SOUZA, Ricardo Timm; FARIAS, André Brayner; FABRI, Marcelo (org.). *Alteridade e ética: obra comemorativa dos 100 anos de nascimento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

---

**Autor(a) para correspondência:** Symon Sales Souto, Universidade Federal de Santa Maria, Av. Roraima, nº1000, Bairro Camobi, 97105-900, Santa Maria – RS, Brasil. [symonsalesouto@gmail.com](mailto:symonsalesouto@gmail.com)